

Os insones e os obstinados, que resistiram piscando os bugalhos, às três horas e meia do programa de monólogos e debates entre nove presidenciáveis, iniciado por volta das 21h30 de anteontem e encerrado depois de uma hora da madrugada de ontem, assistiram certamente ao único bate-boca do primeiro turno e, talvez, de toda a campanha.



Além desse feito, mais para o singular do que para o excepcional, o programa assinala iniciativa atrevida da TV Bandeirantes — que marcou seu gol que, se não chega a merecer placa comemorativa, pode permanecer solitário no placar da sucessão —, e um desempenho impecável de Marília Gabriela como mediadora, submetida a desafio profissional dos mais embaraçantes e do qual se saiu com buquê de elogios dos debatedores e o reconhecimento consensual dos telespectadores que sobreviveram à maratona estafante.

No mais, para falar com franqueza, o debate acrescentou pouco ao esclarecimento dos eleitores hesitantes e sua mais destacada serventia foi, paradoxalmente, a exposição dos erros grosseiros das normas da primeira eleição presidencial direta: dos equívocos demagógicos da Constituição à legislação eleitoral permissiva e improvisada com alta cota de incompetência.

Enquanto rolava o programa, afortunadamente acertado com antecedência, a lista dos candidatos, com a inflação desmoralizante de siglas registradas à última hora para os expedientes do aluguel ou o lance da aventura amalucada, inflava para 24 ou 28. As legendas saltam o total de 35. Um erro a mais ou a menos não importa: não há por que perder tempo apurando o tamanho preciso do resultado das asneiras acumuladas nos impulsos desatinados da transição.

Ora, se com nove candidatos em volta de mesa gigantesca, com as cerimônias da reunião inaugural, Marília Gabriela, para impor obediência às normas por todos aceitas, teve que ape-

lar até para o corte, intercalando comerciais, é evidente que daqui para a frente ficou impraticável, rigorosamente impensável, juntar 24 candidatos, em lote que mistura lideranças respeitáveis e um magote de desfrutáveis, respeitando a legislação que obriga a ratear o tempo em fatias iguais para cada um. A outra alternativa desemboca em beco sujo: acordo ou sorteio para dividir o bando em grupos.

Que emissora cometerá a insensatez de cogitar de uma coisa ou outra? Debate com vinte e tantos candidatos é o ridículo certo da bagunça, além da desconsideração de juntar no mesmo saco pretendentes que merecem todo o respeito e os *marronzinhos* que armaram as arapucas para os golpes favorecidos pelo facilitário em que se transformou o registro de partido na nova Constituição.

*“O debate
acrescentou pouco
ao esclarecimento
dos eleitores
hesitantes
e outro,
com 28
candidatos, se torna
impraticável.”*

Optar por distribuir a turma em grupos, através de acordo de difícil costura ou com o recurso patusco ao bingo para agrupar os premiados, ultrapassa os limites da estultícia. Um, dois grupos podem despertar interesse; o resto é a sobra que não vai além do traço na pesquisa de audiência.

Debate, portanto, no primeiro turno, até 15 de novembro, nunca mais. Não há jeito. O Congresso deu um nó cego, não há como desatá-lo.

Para o segundo turno, pode ser. Depende. Primeiro de que haja segundo turno, hipótese provável mas que comporta dúvidas. Depois, que os dois classificados se ponham de acordo em participar de debates. Seja nos 40 minutos

diários dos 20 dias de rede nacional gratuita de rádio e TV, seja atendendo a convite de emissoras. E que não faltará. Com dois candidatos e vinte dias de campanha; qualquer debate baterá recordes de audiência.

Assim, pelos descaminhos da imprevidência, a campanha eleitoral já encaixa essa tremenda frustração. A previsão dos grandes e empolgantes debates, confrontando candidatos para a definição do voto pela convicção pessoal de cada um, foi para o *beleléu*. Vamos suportar dois meses de monólogos em cadeia nacional de rádio e TV e que promete inchar para mais de duas horas, talvez três horas diárias. Resta o consolo que será dividido em dois turnos: um de manhã, no rádio, e à tarde na TV e, o segundo à noite, em horário único.

No debate que aconteceu, sobra o amargo de muitas decepções. Não foi o que se esperava. Não podia ser. Afinal, ele só conseguiu reunir nove candidatos que representavam precisamente 42,9% das intenções de voto, segundo a última pesquisa do Ibope.

As ausências de Collor de Mello, líder das pesquisas e do doutor Ulysses, um dos *lanterninhas*, abriram um buraco de 57,1%.

A conta é fácil. Basta somar: 41%, índice percentual de Collor; mais 4% da indigência das inclinações de voto do doutor Ulysses. Faltam outras parcelas: excluam-se os 4% que se decidiram pelo voto branco ou nulo, que não conta. Afinal, a conta fechada com o rateio proporcional dos 18% de indecisos, cabendo 7,3% para Collor e a fração de 0,7% para o candidato do PMDB majoritário. Total: 57,1%.

A repercussão do debate único tende a dissolver-se na chatice que vem por aí, na ameaça de três horas por dia de discursaria durante dois meses.

A campanha perdeu muito da sua graça, da sua empolgação. Não culpem o povo, não xinguem o eleitor. Queixem-se diante do espelho e deixem o bispo em paz. Ele também não é parceiro de normas eleitorais encharcadas do caldo da demagogia e da incompetência.

Frase destacada: *A campanha eleitoral já encaixa essa tremenda frustração: a previsão de grandes debates entre os candidatos foi para o beleléu.*